

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NA ILHA DO PESSEGUEIRO (1980)

Carlos TAVARES DA SILVA, Joaquina SOARES
e Luísa FERRER DIAS

A 15 quilómetros para S.SE. de Sines e a cerca de 12 quilómetros para Norte de Vila Nova de Milfontes, situa-se, a curta distância da costa (250 metros) uma pequena ilha naviforme cujo eixo maior se orienta segundo a direcção N.-S.. Possui cerca de 335 metros de comprimento e 235 metros de largura. A sua localização é definida pelas coordenadas quilométricas GAUSS:

$$X = 141$$

$$Y = 96^{(1)}$$

É formada por duna consolidada, muito provavelmente würmiana, que assenta sobre xistos e grauvaques do Carbónico de facies marinha (Teixeira e Gonçalves, 1980).

O seu perfil topográfico longitudinal assemelha-se ao de uma sela, com uma zona central de cota mais elevada (*ca.* 22 m) onde, no séc. XVI, foi construída uma fortaleza, e, na metade sul, uma depressão intensamente erodida (cota *ca.* 8 m).

A vegetação que a cobre é rasteira e aberta.

A ilha do Pessegueiro, hoje deserta, foi objecto de várias tentativas de ocupação. A presente publicação dará a conhecer, pela primeira vez, a da Época Romana.

⁽¹⁾ Carta Militar de Portugal, Esc. 1 : 25 000, Folha 535.

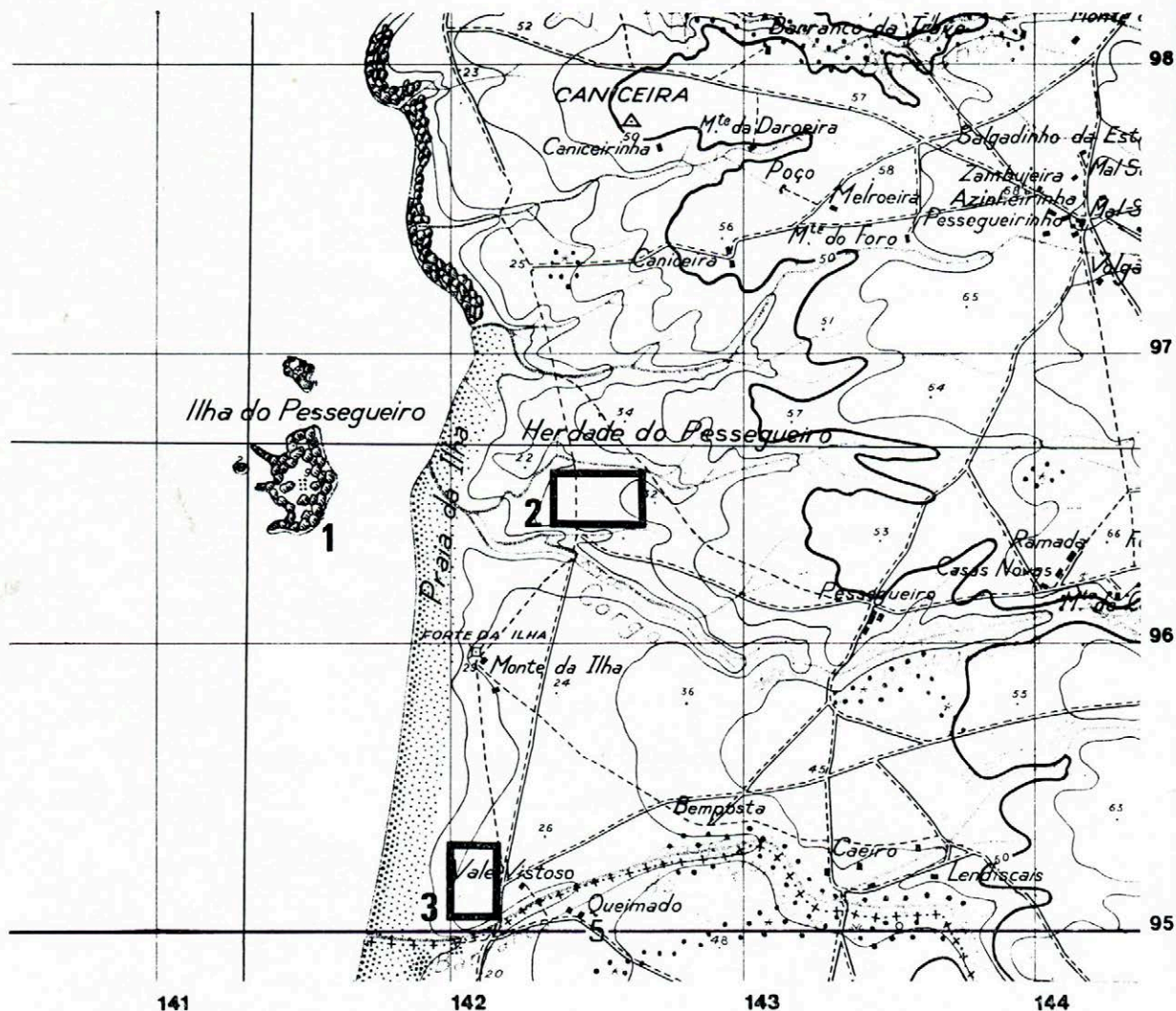


Fig. 1 — Localização da ilha do Pessegueiro (1) na carta de 1:25000. Ambiente arqueológico: 2 — Povoado e necrópole da Idade do Bronze do Pessegueiro; 3 — Vale Vistoso (ocupações do Neolítico e do Calcolítico final).

A *Ora Maritima* de Avieno refere, a sul do Cabo do Espichel, as ilhas de Achale e Poetanion que, segundo Leite de Vasconcelos (1905, II, pp. 17-18) corresponderiam, respectivamente, à península de Tróia e à ilha do Pessegueiro. Também S. Lambrino (1957, pp. 12-15) localizou a ilha de Poetanion na do Pessegueiro: «Il semble donc bien que l'île de Pessegueiro correspond mieux à Poetanion, car Avienus a surtout mis en lumière les éléments qui pouvaient intéresser les marchands navigateurs de l'antiquité.»

Os dois autores citados, ao formularem tais hipóteses, desconheciam por completo a existência, na ilha do Pessegueiro, de vestígios arqueológicos. Baseavam-se exclusivamente em factos de ordem geográfica. Com efeito, o canal definido por essa ilha e pela costa representa o melhor abrigo do litoral alentejano, porquanto o porto de Sines é «desabrigado dos ventos do SW., do Sul e do SE.» e a barra do Mira é «estreita e perigosa pela arrebentação do mar» (Castelo-Branco, 1963, p. 50).

Atendendo aos interesses ligados à exploração mineira que a colonização romana mantinha no Baixo Alentejo, sobretudo em Aljustrel e na Mina da Caveira (Almeida, 1970), é bem possível que a ilha do Pessegueiro fosse um importante ponto de apoio à navegação da época.

A vocação de porto manifestada por esta ilha iria determinar, no reinado de Filipe I, a criação do projecto do *porto artificial da ilha do Pessegueiro* que se propunha transformá-la, bem como ao canal que a separa da costa, em um grande porto militar e comercial: «Militar, por facultar às armadas de patrulha contra os corsários um precioso ponto de apoio, e recurso, entre o estuário do Sado e a baía de Lagos, e comercial por proporcionar a toda a Província do Alentejo a saída para o mar que o areado porto de Vila Nova de Milfontes lhe não podia oferecer» (Callixto, 1981). Assim, em 1588 iniciavam-se os trabalhos de construção do porto artificial da ilha do Pessegueiro com a colocação de pedra (obtida na própria ilha pela abertura de cortes que ainda hoje é possível observar na sua extremidade norte) entre a ponta da ilha e o Penedo do Cavalo de modo a formar-se um paredão que, atingindo a terra firme, delimitaria o porto artificial.

«Para defesa do porto artificial da ilha do Pessegueiro e também para garantir a segurança dos trabalhadores empregues nas obras de construção do mesmo, foi decidida a construção, primeiro de uma fortificação em terra firme e, depois, de outra no centro da ilha» (Callixto,

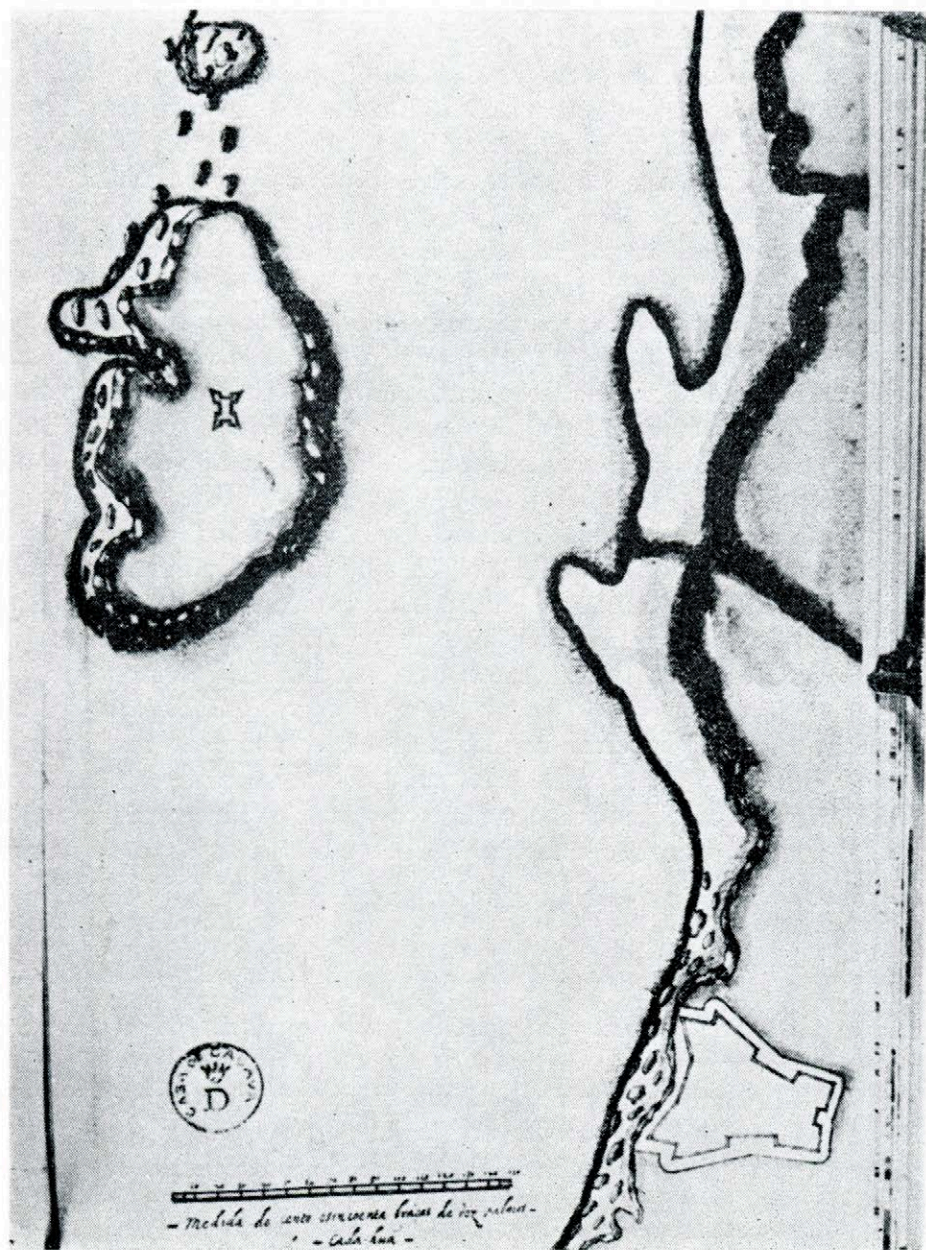


Fig. 2 — Ilha do Pessegueiro. «Códice da Casa Cadaval» (in Soledade, 1973).

1981). Esta última, projectada com uma certa amplitude (quatro baluartes, fosso, armazéns, quartéis) não chegou a ser concluída. As obras foram suspensas em 1598 por se ter reconhecido prioritária a construção do Forte de S. Clemente, em Vila Nova de Milfontes.

A depressão existente na zona sul da ilha do Pessegueiro tem sido, nos últimos invernos, fortemente erodida pela acção das ondas que, galgando as arribas do lado do mar, a atravessam no sentido Oeste-Este (figs. 3, 4 e 6). A rocha encontra-se completamente posta a descoberto num *corredor* com cerca de cinco metros de largura, ladeado por taludes de formações arenosas onde afloram construções da Época Romana (fig. 6), com numerosos troços de muros constituídos por blocos aparelhados, de grés dunar. Tais construções, bem como os respectivos estratos arqueológicos, encontram-se, nesta zona da ilha, em adiantado estado de destruição, agravado todos os anos pelos referidos factores. Em face desta situação, entendeu o Sector de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines proceder a trabalhos que permitissem recolher o maior número de elementos acerca da paleocupação humana da zona ameaçada. Deste modo, realizou-se, em Agosto de 1980, uma primeira e curta intervenção (fig. 5), tendo aquele organismo contado com a colaboração do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal⁽²⁾.

A superfície da ilha foi quadriculada em sectores de 50×50 m, numerados de Oeste para Este e de Sul para Norte, divididos, por sua vez, em quadrados de 2 metros de lado, designados por uma letra maiúscula (eixo Oeste-Este) e por um número árabe (eixo Sul-Norte).

Os trabalhos efectuaram-se no local atrás referido, que cabe no Sector IV, e consistiram em recuar parte do talude Sul do «corredor» aberto pelas ondas (*Corte I5-N5*), em desmontar o que restava do enchimento de uma construção de planta rectangular do talude Norte (*Compartimento I8-J8*) e em avivar o perfil de uma sondagem clandestina situada no quadrado J1 (*Sondagem J1*).

⁽²⁾ Os trabalhos de campo foram dirigidos por dois dos autores (C. T. S. e J. S.); o terceiro signatário (L. F. D.) ocupou-se do estudo da cerâmica comum, *terra sigillata*, «paredes finas» e lucernas. A *sigillata* clara foi classificada por José Olívio Caeiro, da Universidade de Évora, e a moeda da C.4 da *Sondagem J1* pelo numismata Coronel Carvalho Fernandes; o desenho das estruturas foi executado por Jorge Costa, do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal. A estes, bem como a todos os restantes participantes nas escavações, nomeadamente ao Sr. Joaquim Gil Vilhena, os autores exprimem o seu reconhecimento.

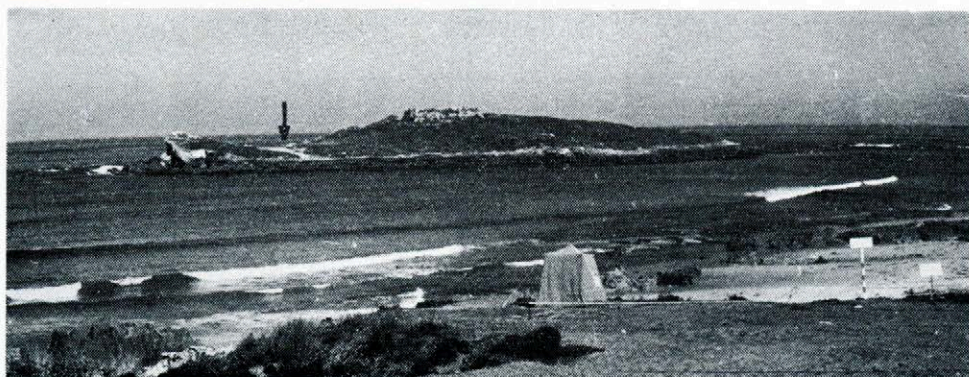


Fig. 3 — Ilha do Pessegueiro vista de SE.. A seta indica o «corredor» aberto pela erosão marinha.

CORTE I5-N5

Recuou-se o talude resultante da erosão marinha até ao limite Sul dos quadrados I5-N5 (fig. 8):

C. 1 — Esp. 0,25 m. Areia acinzentada e, por vezes, amarelo-acinzentada na base da camada (C.1b — Q.s. I5, J5 e L5). Forneceu *t.s.* hispânica; *t.s.* clara A (fragmentos datáveis dos finais do séc. II e primeira metade do séc. III, tendo sido identificada a forma Hayes 14); *t.s.* clara C (fragmentos da segunda metade do séc. III, como a forma Lamb. 42, Hayes 45 A); «paredes finas» (fragmentos datáveis de Cláudio-Nero, Cláudio-Vespasiano); lucerna republicana com aletas laterais (fig. 15, n.º 4); cerâmica comum, abundando a de pasta branca e engobe amarelo; ânforas (1 ex. da forma Beltran IV e 1 ex. da forma Almagro 51 C); tesselas de cor branca.

A formação da *C. 1* (com materiais que vão desde o séc. I a.C. ao séc. III-IV d.C.) ficou a dever-se, em grande parte, ao carreamento, por acção de agentes da geodinâmica externa, de materiais provenientes de uma zona de cota mais elevada, situada a SW. e, hoje, muito erodida.

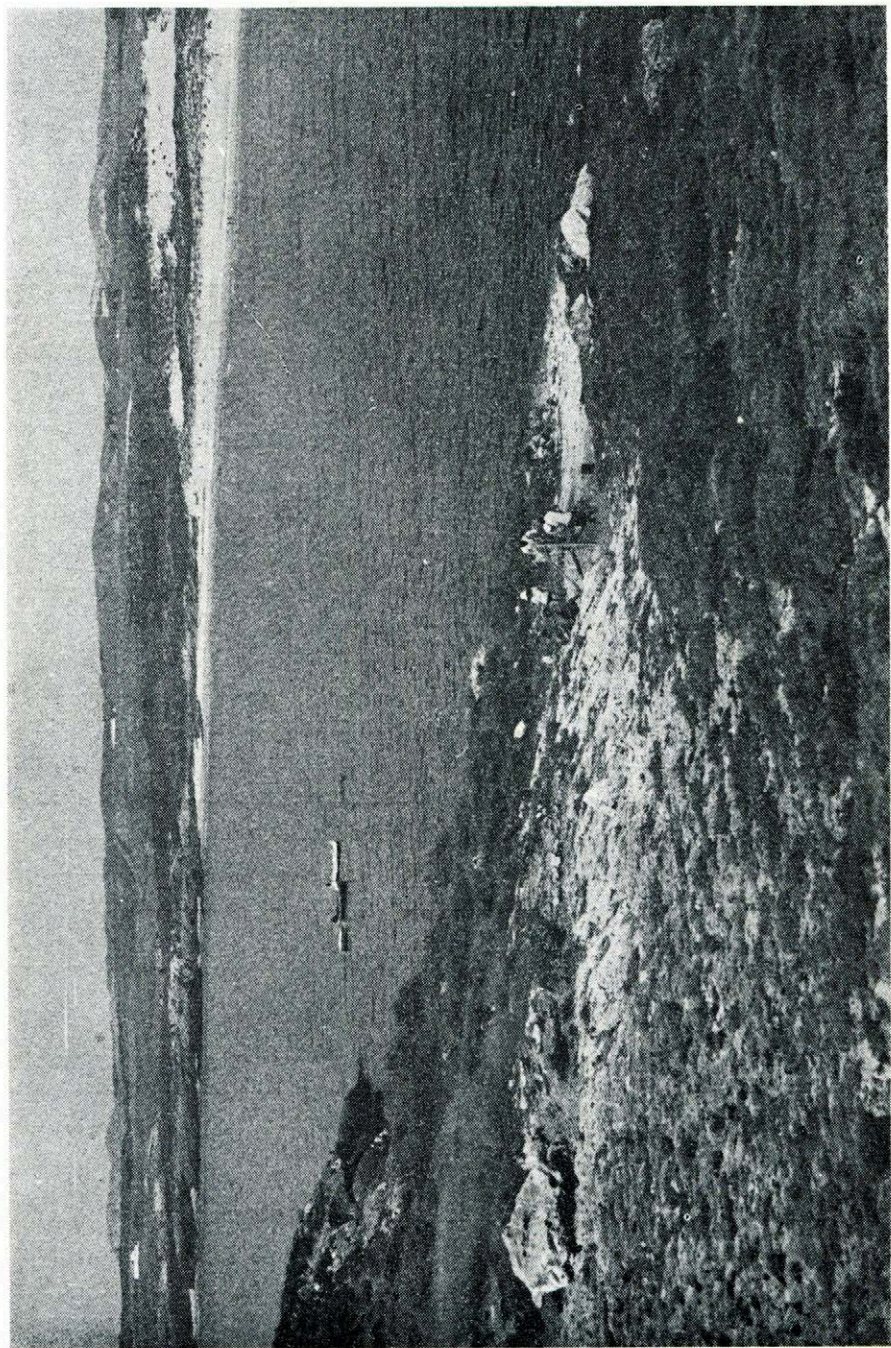


Fig. 4 — Local onde se realizaram os trabalhos arqueológicos de 1980. Notar o «corredor» aberto pela erosão marinha.

C. 2 — Esp. 0,20/0,40 m. Limites superior e inferior muito irregulares. Argila arenosa amarela, por vezes com zonas vermelhas (Q.s M5 e N5), podendo apresentar numerosos fragmentos de xisto de pequenas dimensões (Q. N5). Raros blocos, resultantes da destruição de muros (Q.s M5 e N5). Escasso material arqueológico: *t.s. sudgálica* (marca *PASSIENUS* — fig. 16, n.º 1); *t.s. hispânica*; *t.s. clara A*; «paredes finas».

A C.2 (com material da segunda metade do séc. I e do séc. II d. C.) parece corresponder a uma fase de destruição de estruturas possivelmente de taipa ou adobes (argila amarela e vermelha com fragmentos de xisto).

C. 3 — Esp. 0,15/0,20 m. Limite inferior regular. Areia acinzentada clara; numerosos fragmentos de carvão; restos de alimentação (sobretudo conchas de moluscos marinhos). Assentava, em alguns pontos dos Q.s. L5 e N5, sobre restos de pavimento formado por areão argiloso batido amarelo-avermelhado no interior do compartimento do Q. M5-N5, e por barro cinzento-azulado no exterior desse compartimento (Q. L5). Forneceu abundante material arqueológico: *t.s. sudgálica* (abundante, estando representada a forma Drag. 30); *t.s. hispânica* (escassa, tendo sido identificada a forma Drag. 37); «paredes finas» (abundante, estando presente, entre outras, a decoração de palmetas atribuível a 40-80 d.C.); lucernas (2 fragmentos, um com volutas e outro com a marca *COPPIRES* — fig. 16, n.º 2); vidro (fragmento de um copo facetado).

A C. 3, observada nos Q.s L5-N5, corresponde à fase de ocupação da segunda metade do séc. I.

C. 4 — Esp. 0,05/0,10 m Areia fina e solta, cinzento-amarelada clara, que preenche as cavidades do lápiás da formação geológica de base (grés dunar). Escassos materiais arqueológicos do tipo e da época dos da C. 3.

Nos quadrados M5-N5 foram postos a descoberto os muros (5, 6 e 7) de um compartimento de planta rectangular ou quadrangular (lado NE. com 3,40 m.; restantes lados não totalmente postos a descoberto) com uma abertura de cerca de 1 m. de largura virada a NE. e que possuía,

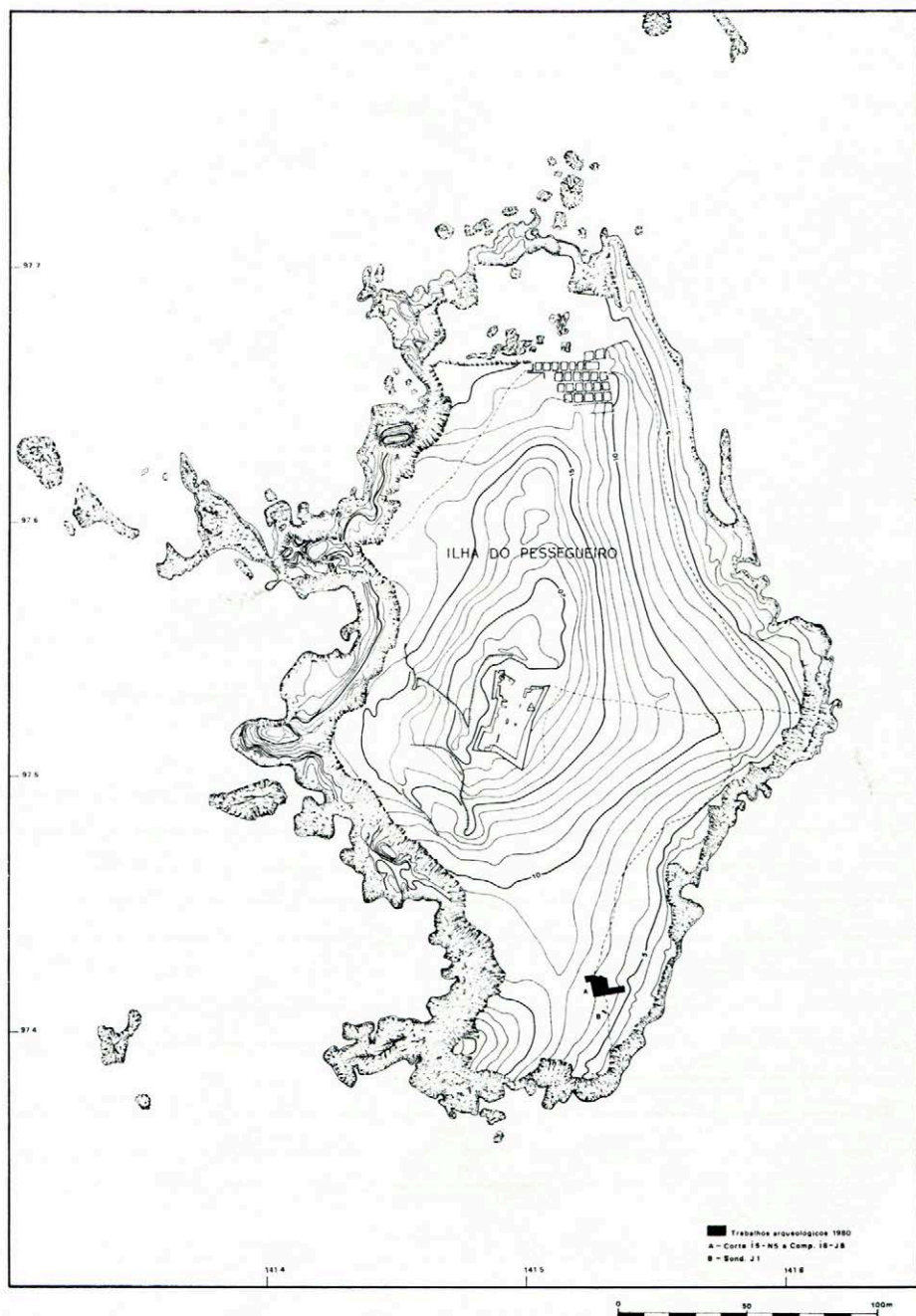


Fig. 5 — Localização dos trabalhos arqueológicos de 1980.



Fig. 6 — Aspecto da zona afectada pela acção erosiva das ondas, antes da realização dos trabalhos arqueológicos.

ao nível do pavimento, uma espécie de soleira formada por placas de grés e de xisto colocadas na horizontal. Os muros 5 e 6 têm 0,50 m de largura e são formados por blocos de grés dunar, de faces exteriores bem regularizadas, ligados por argila amarela e vermelha; conservavam a altura de 0,40/0,50 m., devendo ser completados por adobes ou taipa (atenda-se à constituição da C.2 dos Q.s M5-N5: argila arenosa amarela e vermelha com numerosos fragmentos de xisto de pequenas dimensões). A ocupação teria tido lugar a partir de meados do séc. I d .C., prolongando-se até finais do século. (Fig. 7).

O compartimento M5-N5 separa-se, por um espaço (Q.L5) com cerca de 1,60 m. de largura, de uma outra construção com muros laterais orientados como os do referido compartimento, isto é, segundo a direcção SW.-NE.

A construção que ocupa os Q.s J5-K5 apresenta uma tina subcircular (1,80 m. de diâmetro) forrada por *opus signinum* e com um orifício de escoamento situado no canto Sul, tina enquadrada pelo muro 4,

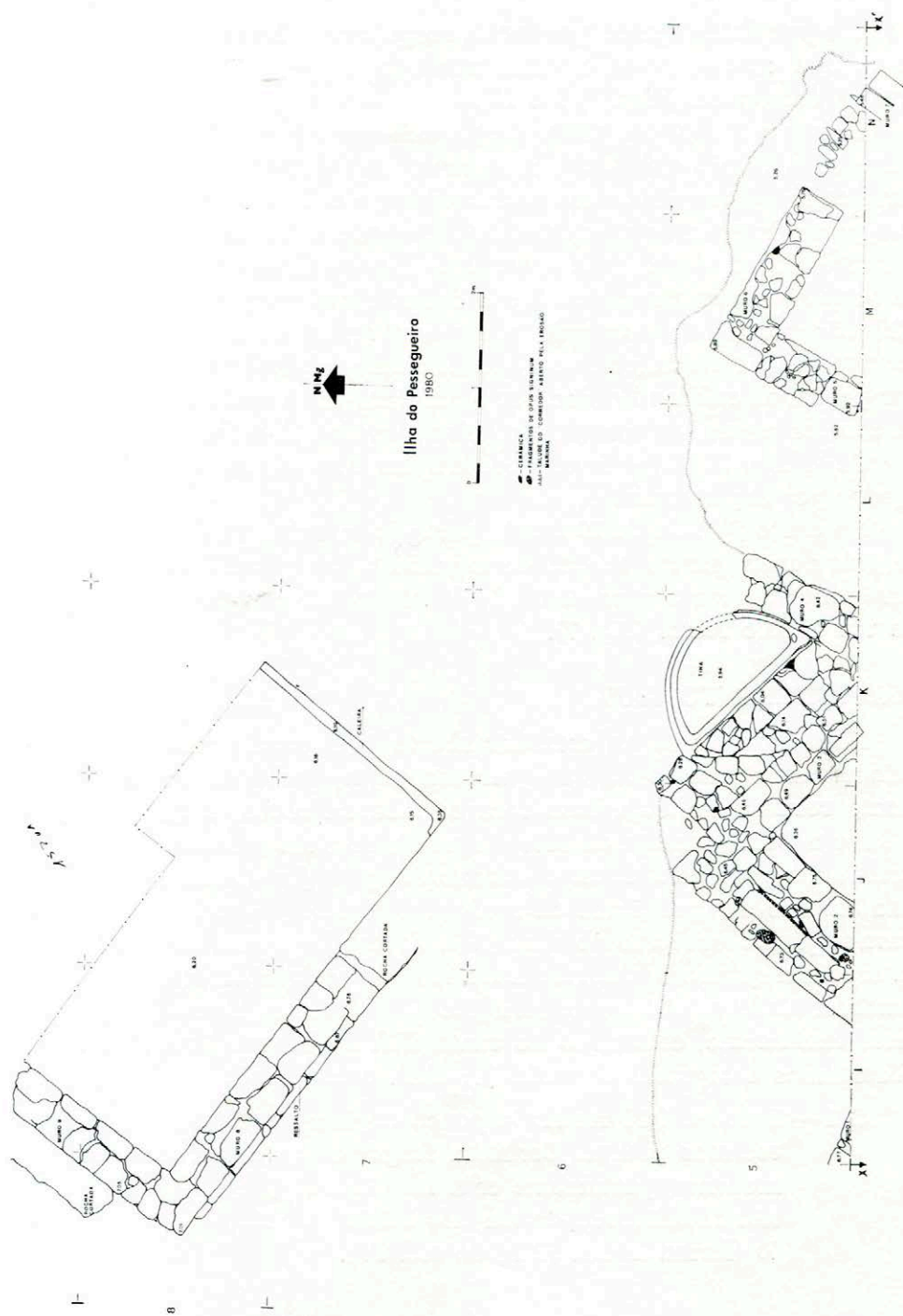


Fig. 7 — Plano do Corte I5-N5 e da parte escavada do Compartimento I8-J8.

a SE., e por dois degraus que fazem corpo com o muro 3, a SW.. Parte desta tina encontrava-se à vista, antes da escavação, devido à acção erosiva das ondas. (Figs. 7, 9 e 10).

Do muro 3 (0,50 m. de largura), e fazendo ângulo recto com este, parte em direcção a SW. um largo muro (muro 2), com 1 m. de espessura, cuja construção parece corresponder a uma fase tardia: dele fazem parte fragmentos de *opus signinum* e um bloco de grés dunar claramente reaproveitado, pois apresenta uma das faces com revestimento de *opus signinum*. Os muros 2 e 3 definem um compartimento (Q. J5-K5) não totalmente escavado que possui um pavimento a uma cota relativamente elevada (cerca de 0,40 m. acima do nível da tina), formado por pequenos calhaus ligados por abundante cal e areia. O enchimento da zona escavada era constituído pelas camadas 1a e 1b.

Os muros 2, 3 e 4 foram construídos com blocos de grés dunar ligados por argila amarela.

No canto SW. do Q. I5 surgiu parte do muro 1, também de blocos de grés dunar; parece orientar-se segundo a direcção SE.-NW.; vai certamente encontrar o muro 2 no Q. I4, ainda por escavar, fazendo com ele um ângulo recto. (Fig. 7).

COMPARTIMENTO I8-J8

No talude Norte do corredor aberto pela erosão marinha distinguia-se, antes mesmo de qualquer escavação, parte de um compartimento rectangular, cuja base fora cortada na rocha, e que conserva a Sul e a Oeste paredes de blocos aparelhados, em grés dunar. O chão, constituído pelo grés dunar da formação geológica de base que tinha sido cortado e regularizado de modo a apresentar-se horizontal, encontrava-se já a descoberto no canto SE. do compartimento em resultado da erosão a que atrás nos referimos. A restante área do compartimento continha ainda depósitos arqueológicos. Procedemos à remoção parcial deste enchimento, escavando no canto SW. do compartimento (Q. 18). Observámos a seguinte sucessão (de cima para baixo):

- C. 1 — Esp. ca. 0,20 m. Areia pouco argilosa, solta, castanha, com escassas pedras. Continha fragmentos de cerâmica vidrada moderna, juntamente com *t.s.* clara A (fragmento de forma não identificada, talvez dos inícios do séc. III) e *t.s.* clara D (forma Lamb. 52 A, do séc. IV).

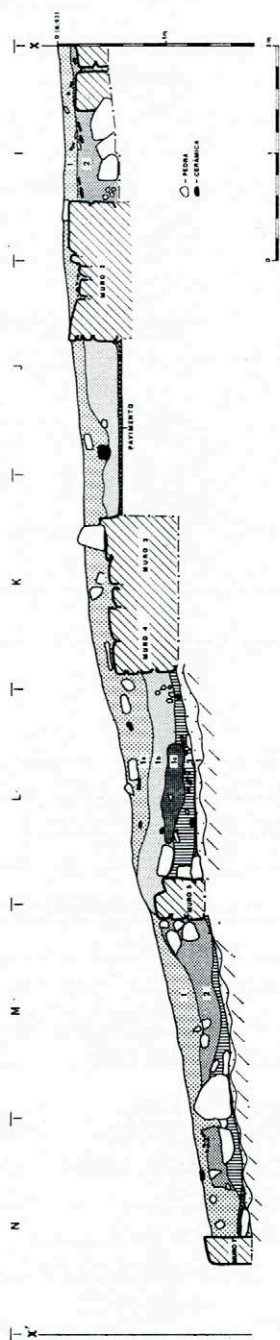


Fig. 8 — Perfil do Corte 15-N5.



Fig. 9 — Aspecto das estruturas dos quadrados J5 e K5 (Corte I5-N5). Fot. obtida de Norte.

C. 2a — Esp. 0,30/0,40 m. Areia um pouco mais compacta que a da C.1, castanho-amarelada, com numerosos blocos, alguns deles aparelhados, de grés dunar, resultantes da destruição das paredes, e fragmentos de *imbrices*.

C. 2b — Esp. ca. 0,10 m. Mesmas características sedimentológicas da C.2a, mas com poucas pedras e abundantes fragmentos de argamassa de revestimento, por vezes com pintura vermelha; alguns destes fragmentos, que contactavam com a parte superior da C.3, mostravam ter sofrido acção do fogo.

A C.2 corresponde à fase de destruição do compartimento que teria ocorrido em dois momentos: queda do revestimento das paredes, talvez devido a um incêndio (C. 2b), seguida do derrube parcial destas (C.2a). Foi escasso o material arqueológico recolhido: *t.s.* hispânica, sendo alguma de Andujar; *t.s.* clara A; fragmento de lucerna.

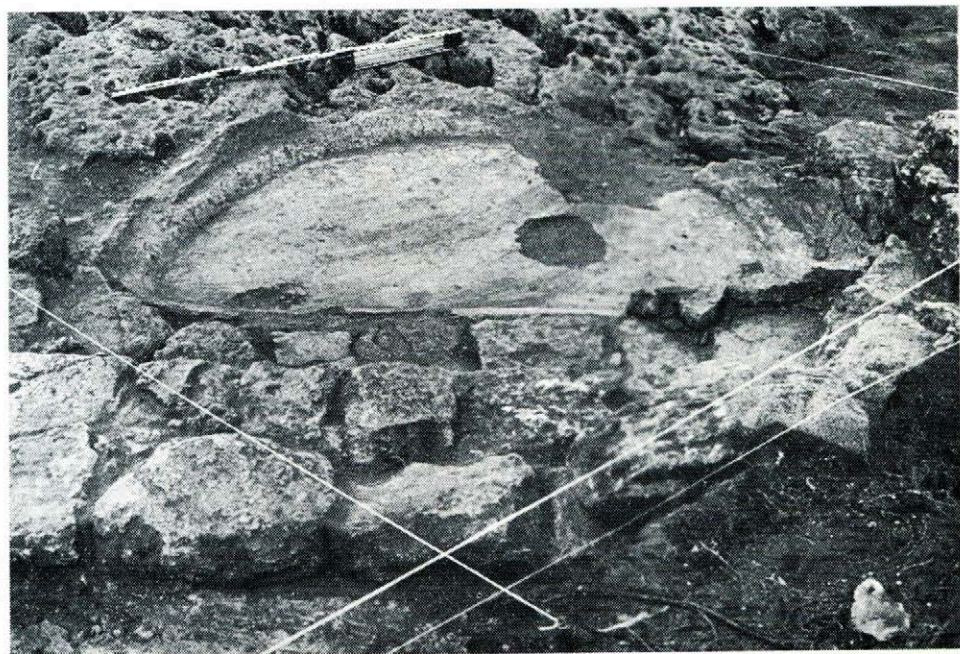


Fig. 10 — Aspecto da tina do Q.K5 (fot. obtida de SW). Notar as destruições produzidas pela erosão marinha.

C. 3 — Esp. 0,05/0,10 m.. Areia pouco compacta castanho-acinzentada com manchas negras e cinzentas, contendo grande abundância de conchas de moluscos marinhos (predominam as formas dos géneros *Patella* e *Mytilus* e da espécie *Monodonta lineata*), por vezes acusando acção do fogo e encontrando-se misturadas com cinzas e carvão; vértebras e maxilares de peixes; escassos ossos de mamíferos. Forneceu *t.s.* sudgálica e *t.s.* clara C (exemplar atribuível à segunda metade do século III).

A C.3, que assenta directamente sobre o chão de grés dunar, corresponde à fase de ocupação do compartimento que parece ter atingido, pelo menos, a segunda metade do séc. III.

As paredes postas a descoberto (muros 8 e 9) do *Compartimento 18-J8* têm 0,50 m. de espessura e apresentam, sensivelmente, a mesma

orientação das estruturas do *Corte 15-N5*: o muro 8 está orientado segundo a direcção SE.-NW. e o muro 9, segundo a direcção SW.-NE.. Ao contrário, porém, do que verificámos no *Corte 15-N5*, os blocos de grés dunar que formam estes muros são ligados não por argila mas sim por argamassa de cal e areia. De notar também o facto de a base dos muros do *Compartimento 18-J8* ser constituída pela rocha cortada que forma um degrau sobre o qual foram assentar as fiadas de blocos de grés dunar. Não obstante faltar qualquer vestígio de parede do lado SE., foi possível determinar a dimensão interior do compartimento (4,80 m.) segundo a direcção SE.-NW., visto a rocha se mostrar cortada e existir, por conseguinte, o ressalto sobre o qual teria sido construída a parede.

SONDAGEM J1

Avivou-se o perfil do que pensamos ter sido uma sondagem clandestina situada no Q.J1.

As nossas observações abrangeram uma área muito reduzida (1,60 m. de comprimento e cerca de 0,50 m. de largura) que, não obstante, forneceu interessantes informações estratigráficas (de cima para baixo):

- C. 1 — Esp. 0,30/0,50 m. Limite inferior muito irregular. Sedimento humoso de cor cinzenta escura. Presença de um fragmento de ânfora da forma Almagro 50.
- C. 2a — Esp. 0,20/0,25 m. Limite superior muito irregular. Areia castanha com abundantes pedras, grandes e médias. Escasso material arqueológico: *t.s.* clara A (1 fragmento de forma Lamb. 4/36, variante B; Hayes 3 tipo C).
- C. 2b — Esp. *ca.* 0,10 m. Limites regulares. Ligeiramente inclinada de Oeste para Este. Areia solta, castanha, quase sem pedras. Ossos de ovi-caprídeos e conchas de moluscos marinhos (*Patella* sp. e *Monodonta lineata*). Fragmentos de *imbrices*. *T.s.* clara A (fragmentos considerados da segunda metade do séc. II); cerâmica comum de pasta esbranquiçada e engobe amarelado; 1 alfinete em osso; pregos em cobre/bronze; fragmentos de ferro.



Fig. 11 — Aspecto da zona escavada no Compartimento 18-J8. Notar, em primeiro plano, a rocha cortada. Fot. obtida de SE.



Fig. 12 — Pormenor da parede Oeste do Compartimento I8-J8, notando-se uma fiada de blocos talhados em grés dunar e assentes sobre um degrau cortado na rocha.

C. 2c — Esp. 0,05/0,20 m.. Limite inferior muito irregular. Areia solta semelhante à da camada anterior mas possuindo abundantes fragmentos de carvão. Ossos de ovi-caprídeos, vértebras de peixe, placas de ouriço do mar, conchas de moluscos marinhos (*Patella* sp., *Monodonta lineata*, *Thais haemastoma*). Abundante material arqueológico: numerosos fragmentos de *imbrices* e de tijoleiras; *t.s.* hispânica (abundante), sendo alguma de Andujar; *t.s.* clara A (abundantes fragmentos datáveis de meados do séc. II); fragmentos de um disco de lucerna com o busto de Jupiter (fig. 15, n.º 6); cerâmica comum (salienta-se, pelo elevado número, a de pasta branca e engobe amarelo ou alaranjado); vidro (fragmentos de garrafas prismáticas); agulhas em osso; numerosas peças metálicas (pregos e anzol em cobre/bronze; dobradiça, pregos, faca e conto em ferro; folhas de chumbo).



Fig. 13 — Aspecto do Compartimento I8-J8 (visto de NW.), verificando-se nos lados Este e Sul o ressalto cortado na rocha.

- C. 2d — Esp. 0,10/0,20 m.. Limites muito irregulares. Areia argilosa castanho-amarelada. Poucos carvões. Escasso material arqueológico.
- C. 3a — Esp. 0,10/0,15 m.. Limite superior muito irregular. Argila amarelada com pequenos fragmentos de xisto. Arqueologicamente quase estéril (alguns fragmentos de *imbrices*).
- C. 3b — Esp. ca. 0,10 m.. Limites regulares. Quase horizontal. Argila esverdeada escura com escasso material arqueológico: *t.s.* hispânica; cerâmica comum de pasta branca.
- C. 3c — Esp. 0,15/0,20 m.. Limites regulares. Quase horizontal. Argila amarela com pequenos fragmentos de xisto (muito semelhante à da C.3a). Arqueologicamente quase estéril.
- C. 4 — Esp. 0,03/0,05 m.. Pavimento de argila batida. Incluía alguns materiais como um asse de Vespasiano.

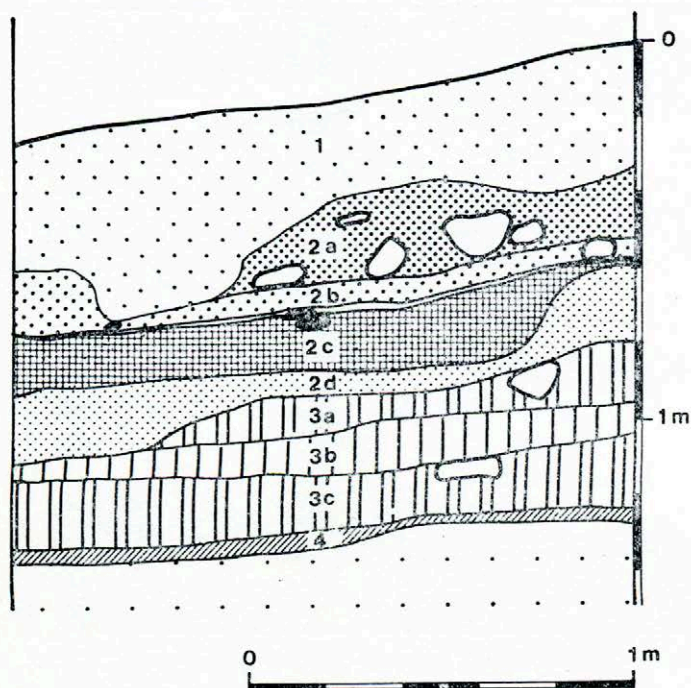


Fig. 14 — Perfil da Sondagem J1.

C. 5 — Areia solta cinzento-amarelada clara. Arqueologicamente estéril.

Este perfil parece indicar:

- uma ocupação da segunda metade do séc. I. d.C. (pavimento a que corresponde a C.4);
- fase de derrube de construções de taipa ou adobes pertencentes a essa ocupação (camadas 3a-3c);
- ocupação do séc. II d.C. com abundante *t.s.* hispânica e *t.s.* clara A (C.2c);
- fase de derrube (C.2a);
- ocupação do séc. III-IV (C.1, muito revolvida, com ânfora Almagro 50).

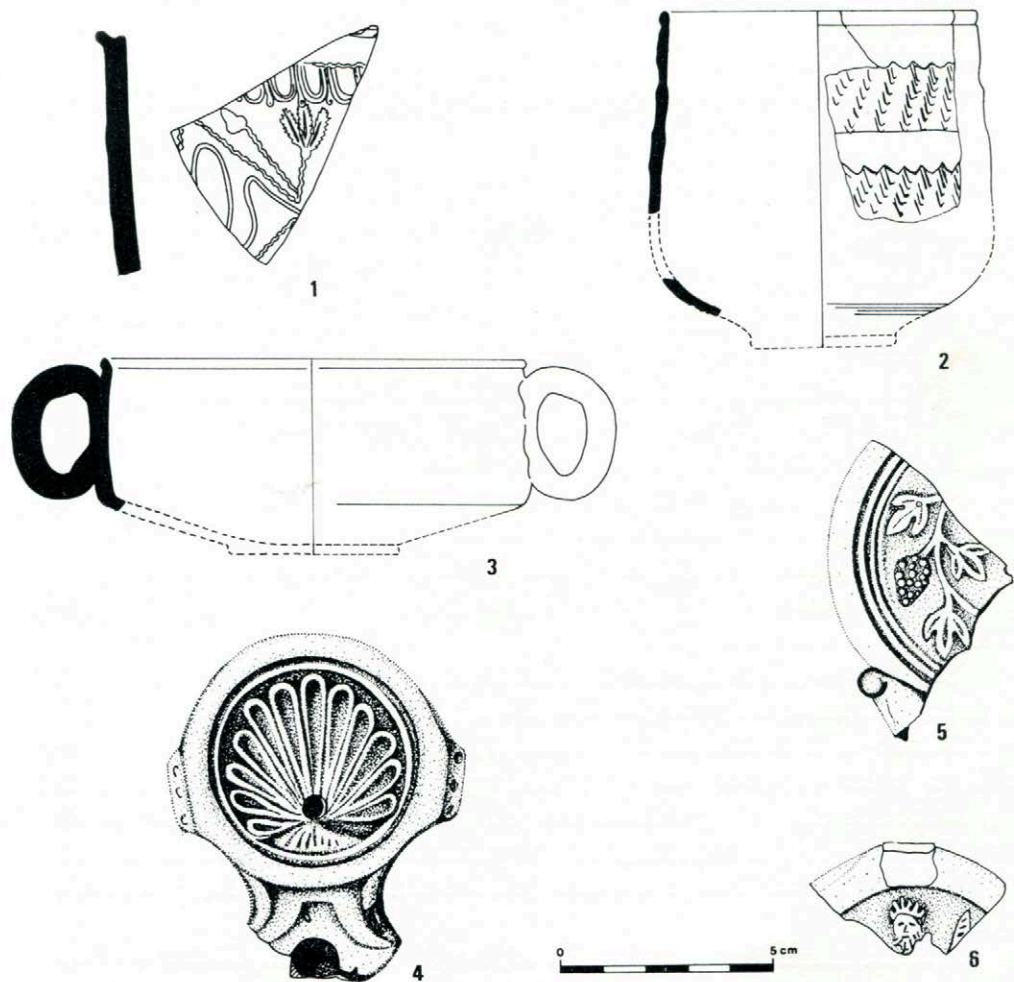


Fig. 15 — *Terra sigillata* sudgálica (n.º 1 — Corte I5-N5, C.3), «paredes finas» (n.ºs 2 e 3 — Corte I5-N5, C.1) e lucernas (n.ºs 4 — Corte I5-N5, C.1 —, 5 — Corte I5-N5, C.3 — e 6 — Sond. J1, C.2 c).

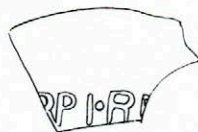


Fig. 16 — Marcas em *t.s.* sudgálica (n.º 1 — Corte I5-N5, C.2) e em lucerna (n.º 2 — Corte I5-N5, C.3).

MATERIAIS

Os primeiros trabalhos arqueológicos realizados na ilha do Pessegueiro forneceram sobretudo material cerâmico: *t.s.* sudgálica e hispânica, *t.s.* clara A (abundante), C (rara) e D (rara), «paredes finas», lucernas, escassos fragmentos de ânforas (formas Beltran IV, Almagro 50 e Almagro 51 C) e cerâmica comum.

A *t.s.* itálica está totalmente ausente e a *t.s.* sudgálica e hispânica repartem-se estratigraficamente de modo muito desigual: na C.3 do Corte I5-N5 predomina grandemente a sudgálica, enquanto na C.2c da Sondagem J1 esta não está presente, sendo abundante a hispânica (juntamente com a *t.s.* clara A).

Em *t.s.* sudgálica apenas se encontraram 3 fragmentos decorados. O único que merece ilustração (fig. 15, n.º 1) pertence à forma Drag. 30, é decorado com cruces de Santo André, que utilizam como motivo central na parte superior um elemento vegetal trifoliado, muito comum em oleiros flavianos e pré-flavianos (cf. Knorr, 1919, fig. 12), abaixo de uma linha de óvulos com lingueta, terminando num pequeno anel, tudo encimado por uma linha ondulada. (cf. Oswald e Price, 1966, Est. XXX, 36).

A única marca encontrada (fig. 16, n.º 1) pertence à oficina de Pasiensis, de La Graufesenque. Oswald data este atelier do período Nero-Vespasiano (Oswald 1964, p. 227) e Knorr, de Nero. As letras, impressas de forma irregular, estão insertas num caixilho rectangular de ângulos arredondados (3x17 mm.); o F, o P e o S estão invertidos o que acontece frequentemente nas marcas deste oleiro e, nomeadamente, num paralelo exacto proveniente de Cotta, Marrocos (cf. Laubenheimer, 1979, n.º 157, p. 149 e figs. 10 e 11).

Entre os fragmentos de *t.s.* hispânica encontrados, reconhecemos, como seria de esperar, o fabrico de Andújar (Jaén) que já tinha aparecido em Miróbriga e no Castelo de Alcácer do Sal (Ferrer Dias, 1976-77 e 1978). A Bética seria, assim, a partir da segunda metade do séc. I, e tal como acontece em relação às «paredes finas», um dos principais centros abastecedores da zona onde se situa a ilha do Pessegueiro, num momento em que a *t.s.* de La Graufesenque começava a ser progressivamente substituída pelos produtos hispânicos.

No que se refere à *t.s.* clara predomina a clara A (que atinge a sua maior incidência na C.2c da *Sondagem J1*), com ausência dos fabricos mais antigos (finais do séc. I); o maior número de exemplares está compreendido cronologicamente entre os inícios do séc. II e a segunda metade do mesmo século. A *t.s.* clara C, escassa, corresponderá à ocupação do séc. III (C.3 do *Compartimento I8-J8*) e a *t.s.* clara D (somente dois fragmentos), à do séc. IV.

Na cerâmica de «paredes finas», muito abundante na C.3 do *Corte I5-N5*, com excepção da decoração de areia, estão representados os estilos decorativos mais comuns na Bética: o guilhoché, a rede de losangos, as palmetas, as folhas de água e os mamilos em barbotina. Ilustramos o único exemplar totalmente reconstituível (fig. 15, n.º 2): tem pasta dura e fina de cor ocre (Munsell 7.5 YR 7/4) e engobe laranja-rosado (Munsell 2.5 YR 5.5/8) com reflexos metálicos; cabe na forma Mayet XXXVIII.

De fabrico mais grosseiro, uma pequena taça com duas asas (fig. 15, n.º 3) tem pasta próxima da *t.s.* hispânica, rosada, esponjosa e com bastante calcite e leva um engobe vermelho (M. 10 R 4.5/8), mate. Afasta-se, ao que julgamos, de qualquer dos fabricos mais conhecidos de «paredes finas» e pode, talvez, ser considerada como um produto regional de imitação.

O achado, numa camada superficial de revolvimento (C.1 do *Corte I5-N5*), de uma lucerna republicana (grupo A II de Conímbriga com aletas laterais — Moutinho de Alarcão e Ponte, 1976) com sinais de utilização representa um elemento exógeno sem contrapartida, por enquanto, na estratigrafia da Ilha. O exemplar (fig. 15, n.º 4) de bom fabrico, com o disco decorado com uma concha, tem aletas laterais decoradas na parte superior com pequenos círculos mal impressos e, na lateral, com folhas de hera em relevo. Este tipo de decoração lateral não deverá ser

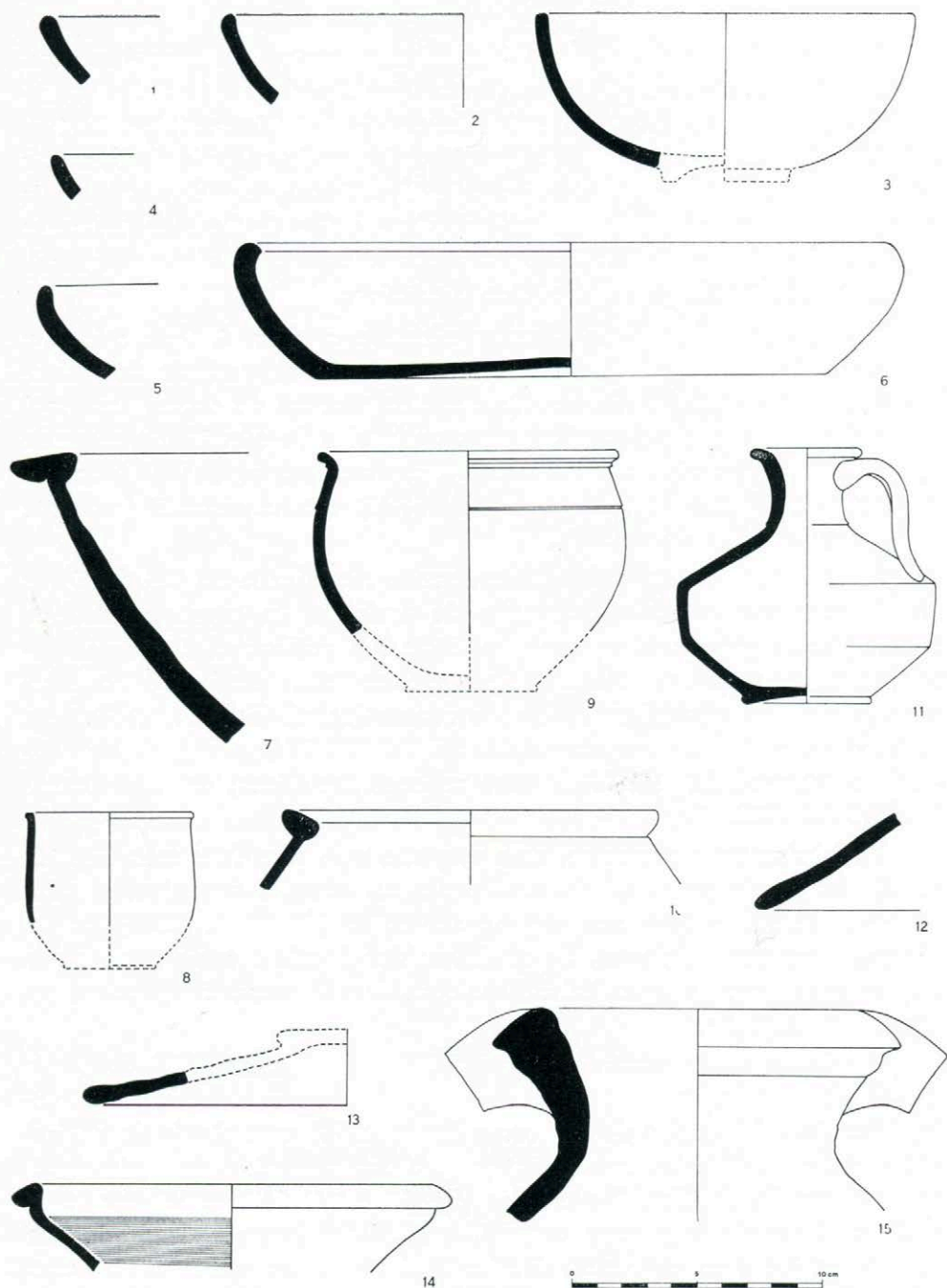


Fig. 17 — Cerâmica comum de pasta branca por vezes com engobe amarelo-rosa do (n.ºs 1-13), almofariz (n.º 14) e ânfora da forma Almagro 50 (n.º 15). Corte I5-N5:C.2 (n.º 4) e C. 3 (n.º 14). Sond. J1:C1 (n.º 15); C.2b (n.ºs 1 e 2); C.2c (n.ºs 3 e 5-12); C.3b (n.º 13).

tão raro como a apresentação fotográfica e a descrição sumária na maior parte da bibliografia ao nosso alcance nos levou a crer, a princípio. Deneauve aponta decorações inferiores (cf. Deneauve, n.º 302, p. III, Est. 526 e 531, p. 143) que julgamos poder aproximar da nossa. Em Portugal, Ferreira de Almeida refere um paralelo exacto do nosso, de proveniência desconhecida e actualmente no Museu de Évora (Ferreira de Almeida, 1953, n.º 4, p. 150, Est. XXX).

Dois fragmentos de lucernas imperiais de importação possuem, uma (fig. 15, n.º 6) o disco decorado com um busto de Júpiter (cf. Deneauve, 1969, n.º 403, p. 126, Est. XLV), e outra (fig. 15, n.º 5), cachos de uvas e parras (cf. Deneauve, 1969, n.ºs 533 e 535, p. 144).

O achado de uma marca de COPPIRES (fig. 16, n.º 2) em um estrato bem datado (C.3 do Corte I5-N5) a partir de meados do séc. I, poderia atestar a presença de uma corrente comercial entre a ilha do Pessegueiro e a costa africana, já a partir dessa altura, a confirmar-se a hipótese deste atelier se situar em Cherchel.

Uma cerâmica comum esbranquiçada parece-nos digna de menção. Referimo-nos a um fabrico provavelmente regional, de pasta com elementos não plásticos angulosos de quartzo hialino, inferiores a 0,5 mm., e, por vezes, rolados e de cor castanha ou amarelada (< 0,5 m.); presença de minúsculas (~ 0,1 m.) inclusões negras dispersas por toda a pasta. A cor varia do esbranquiçado (Munsell aprox. 10YR8/2) ao rosado (M. 2.5YR5/6 a 6/6). Alguns exemplares apresentam engobe mate cuja cor vai do amarelo (M. 10YR8/4) ao amarelo-alaranjado (M.7.5YR7/6), reco-brindo, em certos casos, apenas o bordo das malgas. Trata-se de um tipo de cerâmica que já encontrámos no Monte Sardinha (Santiago do Cacém) (Ferrer Dias e Viegas, 1976-77) e ocorre muito provavelmente na região de Aljustrel (Valdoca e Farrobo) (Alarcão, J. e A. M., 1966; Alarcão, 1974). Entre as formas encontradas, algumas muito comuns como a frigideira (fig. 17, n.º 6), malgas (fig. 17, n.ºs 1 a 5) e testos (fig. 17, n.ºs 12 e 13), destacamos o pote (fig. 17, n.º 9), a bilha (fig. 17, n.º 11) e o copo (fig. 17, n.º 8). Se no caso do pote se trata de uma forma que surge frequentemente, com bons paralelos justamente em Valdoca (Alarcão, J. e A. M., 1966, sep. 428, 1) e Farrobo (Alarcão, J., 1974, sep. 19, 1), o mesmo não podemos dizer da pequena bilha. É um vaso com bojo formado por dois troncos de cone unidos a um colo cilíndrico, para o qual não conhecemos paralelos em Portugal. Os dois exemplares mais

próximos que encontrámos são um de Pompeia (Anecchino, 1977, n.º 34, p. 112 e fig. 4) e outro de Vindonissa (Ettlinger e Simonett, 1952, n.º 539, p. 85 e fig. 23), achado na parte Oeste e datado de aproximadamente 75 d.C.. Segundo Ettlinger e Simonett, seria uma forma oriunda do Norte de Itália, sem paralelo na Renânia, nem em Hofheim ou Camulodunum.

O pequeno almofariz (fig. 17, n.º 14) possui pasta semelhante à do grupo de cerâmicas esbranquiçadas, de cor bege escura (Munsell 10YR 7/4), engobe castanho-avermelhado na face interna (M. 2.5YR 5/4) e cinzento na face externa (M.5YR 5/1). Pode considerar-se excepcional quer pelo tratamento da cerâmica, quer pela espessura da parede (4 mm). Não lhe encontrámos paralelos, mas parece-nos poder aproximá-lo da forma 191 A de Camulodunum que apresenta a mesma curva bem pronunciada no interior do bordo (Hawkes e Hall, 1974, forma 191 A, p. 254 e fig. 53 — o n.º 18 deste grupo, com 2 mm. de espessura, é considerado excepcional).

As ânforas estão mal representadas no conjunto exumado. Foram recolhidos somente quatro fragmentos com lábio, todos desprovidos de contexto, pertencentes às formas Beltran IV (1 ex.), Almagro 50 (2 ex. s) e Almagro 51 C (1 ex.). As pastas dos fragmentos das formas Beltran IV (meados e segunda metade do séc. I e séc. II; transporte de salga de peixe) e Almagro 51 C (séc. III-IV; transporte de salga de peixe?) são muito semelhantes às das ânforas dos mesmos tipos fabricadas no estuário do Sado (Coelho-Soares e Tavares da Silva, 1978). Os dois exemplares da forma Almagro 50 (séc. III-IV; transporte de salga) apresentam pasta rosada clara (Munsell 7.5YR 7/4 e 7.5YR 6.5/4), muito compacta e fina, de fractura regular com aspecto sacaróide, possuindo numerosos elementos não plásticos, em geral angulosos, de quartzo (iguais ou inferiores a 0,1 mm.) e inclusões acastanhadas, ferruginosas, por vezes vacuolares.

*
* *

Resumindo, podemos dizer que os trabalhos arqueológicos realizados na ilha do Pessegueiro em 1980, ainda que abrangendo uma área de reuzidas dimensões, revelaram numerosos testemunhos de uma ocupação do período da Colonização Romana estabelecida no local entre, pelo menos, a segunda metade do séc. I d.C. e o séc. IV.

De um ponto de vista estratigráfico, a C.3 do *Corte I5-N5* e a C.4 da *Sondagem J1* correspondem à fase de ocupação da segunda metade do séc. I d.C.; a C.2c da *Sondagem J1* formou-se no séc. II e a C.3 do *Compartimento I8-J8*, no séc. III. O achado, na C.1, de *terra sigillata* clara D, do séc. IV, e de fragmentos de ânforas das formas Almagro 50 e Almagro 51 C, indicaria uma ocupação, não reconhecida *in situ*, do séc. IV. Por outro lado, a lucerna republicana com aletas recolhida fora de contexto, na C.1, sugere uma ocupação mais antiga que a da C.3 do *Corte I5-N5*, sem expressão nos perfis estratigráficos analisados.

Considerando o carácter exógeno e variado dos materiais exumados, e atendendo à situação geográfica da ilha do Pessegueiro e às excelentes condições de porto natural que oferece, parece-nos lícito admitir que este local da costa alentejana se teria comportado na Época Romana como importante ponto de apoio à navegação. Assim, a hipótese defendida por Leite de Vasconcelos e Scarlat Lambrino de identificação da ilha de Poetanion, referida na *Ora Marítima* de Avieno, com a ilha do Pessegueiro, tende a adquirir, a partir de agora, novos e mais fundamentados argumentos.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J., 1974, A necrópole de Monte Farrobo (Aljustrel), *Conimbriga*, 13:5-32.
- ALARCÃO, J. e A. M., 1966, O espólio da necrópole de Valdoca (Aljustrel), *Conimbriga*, 5:7-104.
- ALMEIDA, F. de, 1970, Mineração romana em Portugal, *La mineria hispana e iberoamericana. Contribucion a su investigacion historica*, Leon.
- ANNECCHINO, M., 1977, Suppellettile fittile da cucina di Pompei, *L'instrumentum domesticum di Ercolano e Pompei nella prima età imperiale*, (Quaderni di Cultura Materiale, 1), Roma, pp. 105-120.
- CALLIXTO, C. P., 1981, O porto artificial da ilha do Pessegueiro e as fortificações que o deviam defender, jornal *O Dia* (n.º de 21 de Março), Lisboa.
- CASTELO-BRANCO, F., 1963, Aspectos e problemas arqueológicos de Tróia de Setúbal, *Revista Ocidente*, 65.
- COELHO-SOARES, A. e TAVARES DA SILVA, C., 1978, Ânforas romanas da área urbana de Setúbal, *Setúbal Arqueológica*, 4:171-201.
- DENEUVE, J., 1969, *Lampes de Carthage*, Paris.
- ETTLINGER, E. e SIMONETT, C., 1952, *Römische Keramik aus den Schutthügel von Vindonissa*, Basileia.
- FERREIRA DE ALMEIDA, J. A., 1953, Introdução ao Estudo das Lucernas Romanas em Portugal, *O Arqueólogo Português*, N. S., 2:5-208.
- FERRER DIAS, L., 1976-77, Terra sigillata de Miróbriga, *Setúbal Arqueológica*, 2-3: 381-410.
- FERRER DIAS, L., 1978, As marcas de «terra sigillata» do Castelo de Alcácer do Sal, *Setúbal Arqueológica*, 4:145-154.

- FERRER DIAS, L. e VIEGAS, J. R., 1976-77, Necrópole lusitano-romana de Monte Sardinha (S. Francisco da Serra), *Setúbal Arqueológica*, 2-3:353-359.
- HAWKES, C. F. C. e HALL, M. R., 1947, *Camulodunum. First report on the excavations at Colchester — 1930-1939* (Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, 14), Oxford.
- KNORR, R., 1919, *Töpfer und Fabriken Verzierter Terra-Sigillata des Ersten Jahrhunderts*, Estugarda.
- KNORR, R., 1952, *Terra Sigillata Gefässe des Ersten Jahrhunderts mit Töpfernamen*, Estugarda.
- LAMBRINO, S., 1957, Les Celtes dans la Péninsule Ibérique selon Aviénus, *Bulletin des Études Portugaises*, 19.
- LAUBENHEIMER, F., 1979, La collection de céramiques sigillées gallo-romaines estampillées du Musée de Rabat, *Antiquités Africaines*, 13:99-225.
- LEITE DE VASCONCELOS, J., 1905, *As religiões da Lusitânia*, Lisboa.
- MOUTINHO DE ALARCÃO, A. e PONTE, S., 1976, Les lampes, céramiques diverses et verres, *Fouilles de Conimbriga*, 6, Paris.
- OSWALD, F., 1964, *Index of potter's stamps on terra sigillata «Samian Ware»*, Londres.
- OSWALD, F. e PRYCE, T. D., 1966, *An introduction to the study of Terra Sigillata treated from a chronological standpoint*, Londres.
- SOLEDADE, A., 1973, *Sines: Terra de Vasco da Gama*, Setúbal.
- TEIXEIRA, C. e GONÇALVES, F., 1980, *Introdução à Geologia de Portugal*, Lisboa.